

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO
RUA DO OUVIDOR

32-sobrado-32

CORTE

Trimestre	5\$000
Semestre	10\$000
Anno	20\$000

PROVINCIAS

Semestre	11\$000
Anno	21\$000
Avulso	1\$000



Os dois Ajax

Amboz manejaõ a aqua; um em golas, outro em esquizo, um em vidrinhos, outro em bombas: um recita de longe, o outro apaga de longe. Amboz eguaes no brilho e na imprensa. A posteridade reserva-lhe uma pagind no ... A pedidos do jornal de Com...

A VIDA FLUMINENSE

RIO, 20 DE ABRIL DE 1871.

Pouco direi hoje.
Ahi vem do sul o do norte os paquetes com carregamentos de senhores e deputados.

Até agora as dôcas da alfândega ainda não declararam que tivessem chegado com avaria nenhuma dessas cargas.

Quem luca com esta importação é o Alcazar, mormente se o incomparavel Rossi continuar a ser esperado a toda o momento, como dizem as folhas diarias.

A Reforma continua em suas cavallarias altas, agredindo tudo e todos.

O *Jornal do Commercio*, que na qualidade do primeiro orgão da imprensa brasileira não podia escapar aos seus botes, deu-lhe um trôco hontem, em tres linhas, só tres, que a abriu de meio a meio.

Ell-o:

"Convencidos como estamos que a mesma Reforma é a primeira a não hereditar no que diz, abste-mo-nos de qualquer resposta. "

Toma!

Não se pôde dizer mais em menos palavras.

N'esse periodo se acha photographada a Reforma.

O Vasques minoscou-nos em seu beneficio com duas lindas novidades comicas.

O *Typo Brasileiro* de França Junior é uma verdadeira comedia Simplex no entretcho, apurada na linguagem, moralissima no fundo, castiga fazendo rir e é tão prehe de verdades, que mais se assemelha a uma lição ao povo, do que a uma simples producção jocosa.

Até o momento em que o pretendente brasileiro sahe para disfarçar-se em francez não conheço no nosso theatro comedia mais *réussie*. Até essa situação rivalisa com as melhores do repertorio de Sardou.

Do meio para o fim, porém, entra ella em *lugares communs*, como diz a giria litteraria.

Não obstante, répto, o *Typo Brasileiro* é uma verdadeira comedia.

Elia e o segundo acto do *Direito por linhas tortas* bastam para collocar França Junior no numero dos nossos mais xistosos escriptores humoristicos.

A outra novidade do beneficio do Vasques foi a tagarellice em um acto do Sr. Garrido — *Silencio Callado*, verdadeiro *tour de force* litterario, recamado de phrases espirituosas, de inesperados incidentes comicos e de calembourgs de uma naturalidade!

Vasques sabia o papel na ponta da lingua, o que (entre parentheses) é uma novidade tambem muito nova nos nossos theatros.

O publico, como era de esperar, chamou calorosamente ao proscenio os dous excellentes auctores e o inimitavel interprete de suas produções.

Mais de espaço fallarei do desempenho geral e especial das duas comedias.

As plataformas dos bouds ainda dão pannos para mangas.

A policia persiste em não consentir que vão passeiros de pé nas duas meias laranjas. O publico persiste em protestar contra tal medida.

Não sei do qual dos dous lados está a razão; mas não posso deixar de lembrar-me de que no tempo das diligencias tudo era licito, tudo... até ir deitado de braços ou de barriga para o ar sobre a coberta.

E' que a policia agora vae-se policiando muito.

Não tem que ver!

O São Luiz annuncia uma serie de representações do *Antony* de Alexandre Dumas.

No tempo de João Caetano foi esse drama representado uma vez e logo retirado da scena por ordem do Conservatorio Dramatico, que o julgou *immoral*.

A immoralidade não estava na phrase, com a qual o Sr. Souto, traductor, esmerou-se deversas; estava no fundo da composição, mormente no final.

Como foi pois que o actual conservatorio, que conta em seu seio dous membros do antigo (conselhheiro Felix Martins e Victorino de Barros) o licenciou?

Só se foi porque João Caetano era um artista nacional e....

Que pena ta ho de não poder citar aqui algumas palavras da ultima comedia do França Junior.

Como viriam *ad rem*!

Não tenho tempo para mais. E esse pouco que escrevi, foi tão de corrida que nem sei se cheguei a deixar bem claros meus pensamentos.

Completo a chronica com a seguinte carta do amigo D. Fua:

Amigo Redactor.—Quem é vivo sempre apparece. Ha tres semanas afundei-me no silencio; mas volto agora á tona, porque já iaie vai faltando o follego para ficar calado.

Não te pareça isto um paradoxo. Não é.

Homens ha que se afadigam quando fallam; eu, pelo contrario, quando não fallo é que fico a pôr a alma pela bocca de cansaço.

Sou assim; aceita-me, pois, assim; mas pelo amor de Deus não confundas meu prurido de tagarellar com o dos dois Carvalhos que só fallam de si, nem com o dos homens das conferencias, que só atiram suas tarrafas em aguas turvas, nem com o dos inventores dos oculos electricos, das Reformas e de outras xarapadas quejundas. *Vade Retoro!*

Bem sabes que só abro os labios para occupar-me com a arte-artistica, a arte de ser artista, e não a arte de fazer artes. Não confundas uma coisa com a outra, como se confunde por ahi.

Porém, onde vou eu parar com taes zige-zags?

Nada; isto assim não vai bem. Façamos como se não houvesse eu escripto ainda cousa alguma hoje e recommecemos esta missiva.

Queres que te diga quem é o unico culpado do meu silencio n'estas ultimas semanas? E' o Santos.

Queres tambem que te conte quem é o Santos? E' o fides achates do Zé Ignácio.

Queres finalmente que te revele quem é o Zé Ignácio? E' o Cerbero do Jardim das Hesperides dramaticas, o Desinist in pisen de S. Luiz, o alter ego do Furtado Coelho.

O caso conto como o caso foi.

Como chronista especial das occorrencias artisticas d'esta terra dos inhamas, corro-me o dever de consagrar duas columnas da *Vida Fluminense* á apreciação do trabalho scenico da distincta actriz Emilia Adelaide.

Mas para apreciar-a, é-me mister vel-a; para vel-a, ter um bilhete de entrada; para ter um bilhete de entrada, compral-o; para compral-o, dirigir-me ao Zé Ignácio.

Estás vendo como na cousas se encaminham, caro redactor, para o que expuz supra?

Siugrei, pois, com vento fresco para o S. Luiz. Ao chegar bemzi-me, entrei com o pé direito e pondo a boca na altura dessa caixinha dos desejos, chamada vulgarmente *escritorio do bilheteiro*, disse com a voz mais assuacada que Deus me deu:

— Um bilhete de camarote, se me faz o favor!

Silencio. Silencio de meio minuto. Vendo que não ouvia nada abaxei-me mais meio palmo do muneira poder devassar com a vista os arcaos do taciturno escritorio. Em frente á janellinha, que pôe em contacto a moeda dos peccadores com os bilhetes que dão entrada naquelle côco aberto da arte, descobri uma enorme protuberancia abobadada, convexa, entumeccida como um vagalhão no alto mar.

No centro da protuberancia descortinei um botão do osso e... mais nada. Não fora elle e ainda agora estaria eu a scismar... mas o botão do osso illuminou-me, convenceu-me que a *amplivaga* convexidade era um... abdomen senhoril, imponente, magestoso como *il diamo di San Pietro*.

Não era licito duvidar: o Zé Ignácio estava no seu posto.

Repeti a pergunta em voz mais altisonante, porém sempre submissa.

— Um bilhete de camarote, se me...

Neste momento um olho pouco empestanado appareceu no escritorio diante de mim e sumio-se logo. Outro olho mais empestanado mostrou-se em seguida, sumindo-se tambem apressado. Phantasmagorias á luz do sol!

Novo silencio. Pela terceira vez ia eu formular minhas pergunta quando ouvi estas palavras, proferidas secca e terminantemente:

- Não ha mais camarotes para amanha.
- E cadeiras? indaguei eu.
- Nem cadeiras.
- E para outra recita?
- Tambem não. Está tudo vendido até o fim da

proxima semana (escrevo proxima com ch, porque foi assim que ouvi).

Meio desanimado saltei e obliquei tres cambistas na calçada opposta. Atravessci a rua e:

- FALLE com o Santos, disse-me o primeiro.
- FALLE com o Santos, disse-me o segundo.
- FALLE com o Santos, disse-me o terceiro.

Não costume ser curioso; porém d'esta feita não pude cohibir-me de inquirir quem era esse santo Santos, unico que me podia valer.

— E' o cambista especial do theatro.

ro, para vendel-os por um terço mais do que os preços annunciados.

— O empresario do São Luiz dá-lhe por isso um ordenado mensal. E', como diz o outro, um artista escripturado para *representar* fora do tablado; não figura na folha da companhia, porque como o Furtado tem um socio capitalista... Olhe; lá vem elle palitando os dentes. E' aquelle rapagão moreno, de fatiada cor de alecrim, bigodinho preto...

Como deves imaginar, caro redactor, voei ao encontro do poderoso Santos, sem querer ouvir mais as revelações dos tacs cambistas. Approximei-me de chapéu na mão, fronte baixa, e ar supplice, como convinha. E disse:

— Quer V. S. dar-me a honra de ceder-me um camarote....

- Para hoje é impossivel!
- Para amanha?
- Impossivel!
- Para outro dia qualquer?

— Pôde ser; appareça na semana proxima (sempre com ch; vem de cima no São Luiz a *correção da linguagem*). Mas previno-lhe que tem de pagar 25\$000.

— O preço é 15\$000, creio....

— Nos annuncios. Pensava entao que o Furtado se daria ao trabalho de ir buscar.... de ir buscar tão longo a grande Emilia Adelaide para apresental-a pelo mesmo dinheiro, porque se costuma ver a Ismenia? Ora! Ora!

— Não digo tanto; porém achava mais bonito que se declarasse nas folhas o verdadeiro preço; porque, em summa, os empresarios não subvencionados estão no seu direito elevando....

— Estão; porém mais bonito ainda é vender por 25, fingindo vender por 15. O senhor não entende nada de diplomacia.

— Lá isso é verdade; nem de policia tambem não entendo, porque sempre pensei que ella intervinha quando se abusava da benevolencia....

— Ora, a policia tem tanto que fazer com os bonds, que pouco tempo lhe resta para o mais! Quer ou não o camarote pelos 25\$000?

— Que remedio!

— Então venha vêr-me todos os dias para não perder sua vez.

Até agora ainda espero, caro redactor, e é por isso que não te tenho aborrecido ultimamente com minhas missivas.

AVIDA FLUMINENSE



Uma plataforma com a qual nunca a Policia se incommodou



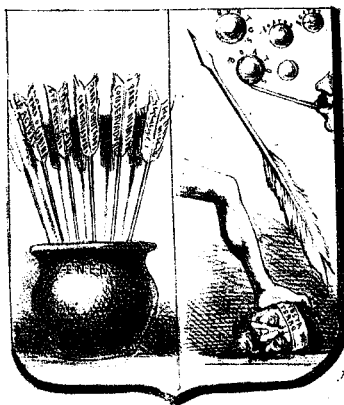
Em vista d'isto é preciso confessar que os bonds não prestão para nada; já não ha mais d'essas doces emoções.
Esta é a opinião das altas e poderosas authoridades que governão este pobre..... publico fluminense!



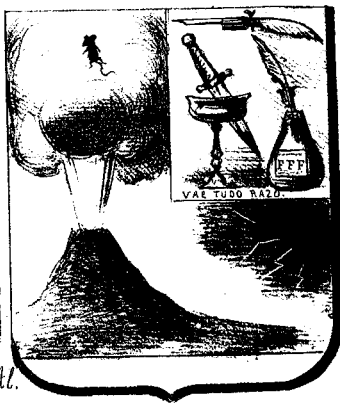
JORNAL DO COMMERCIO



DIARIO DO RIO DE JANEIRO



REFORMA



REPUBLICA

Passemos a outra ordem de idéas. O Mosquito tem-me mordido deversas ha um meo a esta parte. Porque? O diabo e elle o digam.

Quem deve dar o cavaco com a cousa e o Sr. Reis, que não pôde tolerar que o guarda-livros de um Banco todo commercial se distraia de seus algarismos com artiguinhos para folhas humoristicas.

Ea é que não me incomodo. Estou ajuntando as accusações dos insectos—herbiveros (Cuvier não se lembrou de classificá-os) para responder com um só feixe.

“ D. Fuas. ”

Está conforme o original.

A. DE C.

Assumppto de varias côres

O concerto do Club Mozart.—Duas solemnidades magestosas.—As exequias feitas pela colonia italiana.—Balluriny, De Martinis, Berna e Fiorito.—O funeral effectado na capella imperial.—Repáras e observações sobre as marchas fúnebres e a musica fúnebre.—Lusley Pacheco.—A photographia levada ao maior grão de perfeição.—Prognostico realzado.—Eduardo Garrido e Franço Junior.—O fechamento das portas.—O raio do Vasquez em apuros.—Flour do Tub.—A Mazurka Rutilis.—Caserta Locranis!

O Club Mozart vai justificando de dia para dia os elogios imparciais da imprensa diaria.

O concerto de 21 do corrente, que tão grats recordações deixa após si, é a prova mais exuberante do zelo do actual presidente da directoria, o commandador Rocha Pragozo, e da boa vontade do director da parte artistica, o Sr. Candido Gambón.

O primeiro, homem de tracto mueno e maneiras de uma affabilidade pouco vulgar, tem sabido adquirir as sympathias de quasi todos os nossos melhores amadores: o segundo, prestando-se a instrumentar alguns trechos, procedendo a ensaios regulares, e procurando agradar ás damas e cavalheiros sobre quem peza a responsabilidade da parte muzical, tem cooperado effezadamente para a reputação brilhante de que gozam os sarão d'aquella sociedade.

O da noite 21, notavel pela variedade e escolha das pegas, destacou-se de muitos outros pela nitidez da execução, e *ensemble* do todo harmonico. Socios e convidados reconheceram por tal forma essa circumstancia que poucas vezes os applausos tem echoado tão clamorosos e expontaneos pelas salas d'aquella sociedade.

Enumerar os trechos de per si e fazer estirada analyse acerca da respectiva execução é tarefa de que não pôde dar conta o autor destas linhas, em vista do limitado espaço de que dispõe: mas, seguindo os impressões do auditorio, é de justiça que elle, ao menos, registre aqui o exito da *Pollca* do Guarany (habilmente instrumentada pelo Sr. Gambón) que merecem as honras do bis; o acolhimento feito ao duetto do *Templario*; os applausos dispensados a difficil aria de Mercadante; o successo obtido pela fantasia de Thal-

berg, executada no piano; e as palmas que mereceram aquella *Mazurka* tão graciosamente cantada, e o duetto do Simon Buonera, cuja interpretação merecen tão sinceros louvores.

X Poram de luto os primeiros dias da semana que hoje se finda.

Duas solemnidades religiosas em suffragio da alma da chorada princeza D. Leopoldina vieram renovar a justa dor, que, à noticia de tão infauisto passamento, se appossára de quantos prezavam as inumeras virtudes da excelsa princeza.

A primeira, levada a effecto pela colonia italiana residente entre nós, esteve na altura do elevado assumpto que lhe dera origem.

No centro da igreja de S. Francisco de Paula erguiu-se altoso mausoléo, cuja ornamentação, severa e singela ao mesmo tempo, attestava o merito profissional do architecto Balluriny, o bom gosto do pintor De-Martino e a optima execução do exculptor Berna.

No côro, sob a direcção do maestro Fiorito, antava-se a missa com que os parisienses suffragaram a alma do immortal Rossini. Baseada nos trechos mais salientes do *Mossé* e do *Stabat Mater*, duas epopéas musicas onde o sentimento anda a par da magestade da idéa, dispersa essa musica grandiosa certa tristeza, a que o coraço não resiste.

A escolha não podia, pois, ser melhor: e a execução confiada a numerosa orchestra de mestres, e escolhida pleiade de cantores, foi geralmente louvada por quantos assistiram á importante cerimonia.

A segunda, feita a expensas da nação, teve logar na capella imperial a 26 do corrente. O grandioso monumento que occupava o centro da igreja, devido á pericia do architecto brasileiro o Sr. Bittencourt da Silva, attrahia desde logo sobre si a admiração de quantos visitavam o templo.

No côro cantava-se o *Requiem* de Mozart.

Fóra da igreja, alguns corpos da guarda nacional luzidamente vestidos, prestavam as ultimas honras á memoria da virtuosa princeza.

Cabe aqui uma observação:

As marchas fúnebres escreveram-se para as occasiões em que o luto predomina sobre o espirito de qualquer povo.

Tocar, pois, trechos do Trovador acompanhados a bumbo e campainhas, ou *dobrados* de estilo fúcto, e inteiramente despojado do caracter severo que contém a certas solemnidades, é contrariado a que os Sr. commandantes de Guarda Nacional deveriam prestar séria attenção.

O incansavel photographo Sr. Lusley Pacheco expôz ha dias no armazem do Sr. Moncada um novo primor d'arte, que mostra exuberantemente o modo porque o distincto artista procura cada vez mais provar a superioridade dos seus trabalhos sobre os melhores, que nos vem do estrangeiro.

Conhecendo magistralmente os effectos de luz, e modificando por meio do desenho as ligeiras imper-

feições que os clichés muitas vezes apresentam, conseguiu o Sr. Pacheco levar a sua arte a um grão de perfeição tal, que difficil, senão impossivel, será ir além.

..

Na minha chronica passada prognostiquei o brilhante exito que aguardava o espectáculo que, a 26 do corrente, o Vasques submetteu á apreciação dos seus admiradores e amigos.

Disse mesmo que era de esperar que os applausos mudassem a *tres par dois*. Não me enganêi.

A tagarelleia de Eduardo Garrido, toda baseada em assumpto de uma originalidade que encanta, dispersou palmas estrepitosas e gargalhadas stridentes.

A comedia de França Junior (a melhor de quantas elle tem escripto até hoje, na opinião de todos!) embora pequena, tem, graças á correcção e vigor com que os typos foram desenhados e ao espirito de que a phrase se achia constantemente repassada, a mais esplendida carreira diante de si.

Ambos os actores foram duas vezes chamados ao proscenio e saudados por freneticas ovações.

O *Fechamento das portas*, peça de que o publico da Plénix jámais se cansa, valem ainda a seu feliz author applausos clamorosos e chamadas ao proscenio.

O ratão do Vasques... esse vio-se em apuros para carreggar para casa os bouquets de que foi alvo, a primeira corôa de louros que Emilia Adelaide lhe offereceu e o ramalhete com que foi honrado pelo actor Valie.

..

A segunda edição de *Fleur de thé*, opera de que os amadores da musica faceta guardavam as mais gratas reminiscencias, continha a ser o innu que maior concorrência atrahia hoje no Alençar. Ha razões de sobra para isso.

Rozier e Dubois são inexcusaveis na interpretação dos *types* que lhe foram confiados.

Mlle. Delmary dá ao rôle da *cantinière* o chic artistico exigido pelas diversas situações da peça.

..

O author da *Mazurka* dedicada a Emilia Adelaide eviou-me um exemplar da sua obra.

Agradecendo a offerta, cumpre-me declarar que a musica é bonita e ao alcance de todos os pianistas.

..

Chagaram as afamadas *cantetas luciferas*.

A cousa é original, engrugada, e de reconhecida utilidade.

Ceci tuera cela, disse Victor Hugo.

Traduego, em tom de prophécia:

A *canteta lucifera* matará o *phosphoro*!

E não julguem que o phosphoro de que fallo é o signatario destas linhas, que, desde creança, teve sempre horror ás eleições.

.. A. DE A.

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

O BUSTO

ROMANCETE POR EDMOND ABOUT.

CAPITULO IV.

(Continua-se.)

No momento em que o escultor mettea a mão esquerda no bolso para collir as lavas, ouviu-se uma grande detonação. O Sr. de Marsal tinha deslanchado o tiro; porém, em vez de Daniel cair fulminado, como era de suppor, por causa da pequena distancia em que acabava de ser ferido, foi o proprio capitão Marsal quem tombou de costas.

Todos correram para elle, sendo Daniel o primeiro que chegou a seu lado. A pistola havia rebentado perto do ouvido; o Sr. de Marsal caíu com o braço quebrado.

O gravador e o pintor, que usavam gravatas compridas, dispararam-se como atoaduras, uma ao ante-braco, a outra em volta do braço ferido.

Daniel disse-lhe:

— Coragem! Isto não ha de ser nada! Mas tambem porque insistio em que me descalçasse, não lhe havendo eu feito coisa alguma?

— Desculpe-me, senhor trespouso o capitão com voz desfallecida, seja feliz, casando com aquella que tanto ama!

— Eu?

— Sim.

— Pensa deveras que gosto da filha do marquez de Gublian?

— Não! sei tudo!

— Porém.

— Seja muito feliz, unindo-se á Sra. Michaud.

Daniel encarou attento o Sr. de Marsal, sem poder comprehendê-lo. Quiz interrogá-lo; lembrando-se, porém, que aquellas palavras sem nexo deviam ser occasionadas pela forte commoção cerebral, que acabava de experimentar o pobre moço, callou-se.

O Sr. Larambert apontou no chão a arma, que saltára dos mãos do capitão, e foi mostrar-a a Daniel, que começou a examiná-la como entendiço.

— Quem foi que carregou esta pistola? perguntou elle.

— Meu armador.

— É verdade! Não me lembrava que já m'o haviam dito. Porém quando foi ella carregada?

— Em 1840.

— Se assim!

— De Marsal, apalpando-se no braço do escultor, voltou a pé para o Petit-Moutronge. Na rua principal encontraram o excellent Dr. Pellarain, medico do castello, que levava o ferido para a casa de um dos seus amigos.

Ahi tórno logo o medico de applicar o proprio apparelho, enquanto o Sr. Larambert se dava pressa em ir immobilisar a irmã do capitão.

No castello tinha havido novidade: apanella manila.

A senhora do Marsal, concedendo na physionomia do seu irmão que «la passer quelque chose extraordinaire, não pôde conciliar o sono durante a noite e levantou-se logo que rompeu o dia.

Um quarto de hora depois foi ella bater na porta do quarto do capitão e, como ninguém respondesse, entrou, achou tudo deserto, tornou a sair e pousa a percoer o pátio em procura de seu irmão.

O porteiro entregou-lhe a carta que achara no meio do seu apressado, a qual, como vimos, do Marsal arremessára pela janella antes de partir para o lugar do duello.

Continha a carta a narração detallhada do que havia acontecido na véspera, quando o capitão foi ao encontro do escultor. Continha tambem um testamento ologographo em caso de accidente.

A senhora de Marsal, apesar de utilissimo liqueta, teve forças para correr até o castello e desportar a Sra. Michaud. Esta foi logo, por sua vez, despertar o marquez, o qual sem perda de tempo mandou desportar o Sr. Lafleur. Com o barulho despertou-se tambem V. e, como que dessem immediatamente para indagar o que occorria, um tal reboliço em horas em que o castello costumava fazer um sonoço.

A Sra. Larambert e sua filha tambem não tardaram a mostrar-se. Ocullo plamente que até os proprios ante-pesados do marquez teriam pouco. Com a preza ninguém se lembrou de vestir-se com o habitual apuro; cada um apressou-se como estava no quarto; os homens de robe de chambre, as senhoras de roupão, e todas de chinelllos.

Nunca se tinha visto semelhante carnaval nas salas do castello.

As Sras. Michaud e Larambert perdiam muito mostrando-se em talhete tão descalçado, e Victorino não conseguia alguma das suas illuções sobre a pessoa do Sr. Lafleur, o que, verdade seja, não a incommodou nem de leve.

(Continua.)

Tipos do Rio de Janeiro. (Rua do Ouvidor)



O dandy.

— Bonito pé, sim senhora.

— Oh diabo! falle mais baixinho! Olhe que é familia! ... e me conhece...